

# **EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA E ARTE: ANÁLISE DE UMA OFICINA DE TEATRO DO OPRIMIDO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL – UFRPE**

**EDUCATION IN AGROECOLOGY AND ART: ANALYSIS OF A THEATER OF  
THE OPPRESSED WORKSHOP IN THE POSTGRADUATE PROGRAM IN  
AGROECOLOGY AND TERRITORIAL DEVELOPMENT – UFRPE**

**ANDERSON GOMES DOS SANTOS**

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil  
Mestre em Ensino de Ciências e Matemática. E-mail: anderson\_pedagogia@hotmail.com

**HORASA MARIA LIMA DA SILVA ANDRADE**

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil  
Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza. E-mail: horasa.silva@ufrpe.br  
<https://orcid.org/0000-0002-5366-6610>

**ANA MARIA DUBEUX**

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil  
Doutora em Sociologia. E-mail: ana.gervais@ufrpe.br  
<https://orcid.org/0000-0002-1393-529X>

**LUCIANO PIRES DE ANDRADE**

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil  
Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza. E-mail: luciano.andrade@ufape.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0001-5818-711X>

**Submissão: 12-11-2024 - Aceite: 27-05-2025**

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a importância do Teatro do Oprimido nos processos educativos em agroecologia a partir das compreensões dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A abordagem é qualitativa a partir da participação em uma oficina realizada no contexto de vivência de imersão territorial no Polo da Borborema no Estado da Paraíba, a produção de dados se deu na construção das cenas e das respostas dos participantes a um questionário de pesquisa. A educação em agroecologia é uma proposta em construção que contribui para consolidá-la como ciência, incorporando questões sociais, éticas, culturais, políticas e ambientais. A transição agroecológica impõe a necessidade de outra episteme que, para além de novas estratégias produtivas, sejam respeitosas do meio ambiente, e contribuam de forma multidimensional para a construção de um novo



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

paradigma na relação ser humano x natureza. A utilização de outras linguagens, dentre elas a arte, é essencial para a consolidação da proposta da educação em agroecologia, importante instrumento de luta para a transformação social. Como resultados foram produzidas coletivamente duas cenas teatrais que evidenciaram o papel das mulheres e do feminismo no processo de fortalecimento da agroecologia em contextos transformadores, libertadores em uma perspectiva educativa. **PALAVRAS-CHAVE:** Imersão. Educação. Território. Teatro-Fórum.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to analyze the importance of the Theater of the Oppressed in educational processes in agroecology based on the understandings of students of the Postgraduate Program in Agroecology and Territorial Development of the Federal Rural University of Pernambuco. The approach is qualitative based on participation in a workshop held in the context of territorial immersion experience in the Borborema Pole in the State of Paraíba. Data production occurred in the construction of scenes and participants' responses to a research questionnaire. Education in agroecology is a proposal under construction that contributes to consolidating it as a science, incorporating social, ethical, cultural, political and environmental issues. The agroecological transition imposes the need for another episteme that, in addition to new productive strategies, is respectful of the environment and contributes in a multidimensional way to the construction of a new paradigm in the relationship between human beings and nature. The use of other languages, including art, is essential to consolidate the proposal of education in agroecology, an important instrument in the struggle for social transformation. As a result, two theatrical scenes were collectively produced that highlighted the role of women and feminism in the process of strengthening agroecology in transformative, liberating contexts from an educational perspective. **KEYWORDS:** Immersion. Workshop. Territory. Theatre-Forum.

## Introdução

A aliança entre agroecologia e educação popular tem demonstrado eficácia em processos educativos que contribuem para a transformação da realidade e a obtenção de maior sustentabilidade dos ecossistemas. Nessa perspectiva, precisamos compreender a agroecologia para além dos aspectos da tecnologia e da produção percebendo sua multidimensionalidade em termos econômicos, sociais, ambientais, culturais, políticos e éticos (AZEVEDO, 2015).

A relação da agroecologia com a educação popular acontece pelo fato desta última apontar caminhos para o fortalecimento de uma nova episteme que possa contribuir à adoção da agroecologia como paradigma de ciência, prática e movimento (DA SILVA, 2022). O reconhecimento dos saberes dos povos nos territórios rurais, é essencial para os processos de construção do conhecimento e de educação em agroecologia. O resgate e visibilização de tais saberes se dá de forma muito mais eficaz, quando a arte é utilizada como instrumento de valorização, reconhecimento e de mudanças sociais importantes no campo da agroecologia. Na obra Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire (2014) nos apresenta a seguinte perspectiva: “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” (FREIRE, 2014, p. 43).

A Educação em Agroecologia deve ser pensada a partir da resistência e da possibilidade de construção de outro paradigma, capaz de transformar o mundo rural, o campesinato brasileiro em seu contexto histórico é marcado por um processo de luta e resistência (Delgado e Bergamasco,

2017). As estratégias devem ser pensadas para valorizar e fortalecer os saberes populares dentro de uma estrutura de construção de políticas públicas que façam a diferença nos territórios rurais (SOUZA, 2017). A partir da ofensiva neoliberal que os movimentos sociais na década de 1990 passaram a propor diversos processos de lutas sociais principalmente rural, trazendo à tona perspectiva em educação que pudessem dialogar a partir das vivências do campo com significados importantes para esses sujeitos. Os princípios da educação em agroecologia estão contextualizados em quatro perspectivas importantes, princípio da vida, princípio da diversidade, princípio da complexidade e princípio da transformação. A educação em agroecologia está evidenciada nas referências da educação do campo e da agroecologia (COTRIM & DAL SOGLIO, 2016).

Nesse contexto, o teatro do oprimido (Boal, 2008) pode ser utilizado em processos educativos em agroecologia, principalmente quando abordamos o processo de industrialização da agricultura e do agronegócio e suas consequências nas relações sociais. A partir da criação de cenas do Teatro do Oprimido, pode ser proposta a reflexão acerca de alternativas que possam ser contra hegemônicas, é importante ressaltar que a agroecologia visa à adoção de práticas de base ecológica. Ao relacionar a construção do conhecimento agroecológico com a arte, a partir do teatro do oprimido, consolida-se uma prática interdisciplinar e participativa capaz de propor vivências em diversas abordagens, pois, conforme GUZMÁN CASADO, *et al.* (2000), a agroecologia tem um caráter inter, multi e transdisciplinar.

Nesse processo educativo em agroecologia nos territórios o teatro do oprimido pode ser esse elemento de rupturas das opressões, através do teatro-fórum, por exemplo, que é uma prática de diálogo entre atores/atrizes e a plateia onde os espectadores irão participar fazendo emergir reflexões e propostas de transformações possíveis a partir da cena apresentada, tendo o público como protagonista do processo cênico (KUHN, 2011).

O Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT), é um doutorado profissional interdisciplinar da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e tem como objetivo promover na região do semiárido, outra perspectiva em relação aos processos de apropriação, transformação, circulação, consumo dos bens naturais e excreção dos resíduos pelas sociedades dos distintos territórios.

O PPGADT tem uma organização pedagógica interdisciplinar e suas disciplinas possuem carga horária teórica (50%) e prática (50%), com a realização de seminários interdisciplinares, que contribuem para a articulação dos saberes trabalhados em cada disciplina. A carga horária prática do curso é vivenciada de maneira interdisciplinar, a partir da imersão em diferentes territórios rurais, acompanhada por doutorandos e professores participantes de diferentes disciplinas.

As atividades de imersão podem ser definidas como um conjunto de diálogos que envolvem metodologias diversas (entrevistas em profundidade ou contextuais, como a roda de conversa; dinâmicas de sistematização em grupo; registros em audiovisual, etc.), realizados em diversos territórios. (GERVAIS, *et.al.*, 2020, p. 25).

A duração do curso é de no mínimo dois anos (24 meses), podendo o (a) estudante concluir as exigências para a integralização, assim como a Defesa de Tese/Produto Final neste mesmo período e no máximo em um período de quatro anos. É importante salientar que o produto final exige dos doutorandos uma implicação real em uma realidade contribuindo para a transformação dos territórios rurais na relação com a agroecologia.

O presente artigo tem como objetivo analisar a compreensões dos estudantes do curso de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal Rural de Pernambuco envolvidos em um processo educativo em agroecologia durante atividade prática de imersão. A abordagem é qualitativa e a análise se dá a partir da participação em uma oficina do Teatro do Oprimido realizada na imersão no Polo da Borborema no Estado da Paraíba. Esperava-se que ao final da oficina os estudantes produzissem duas cenas do teatro do oprimido, fato que aconteceu nesse processo, após a apresentação a compreensão dos participantes foi evidenciada com os diálogos a partir do teatro-fórum (Boal, 2008), que aborda temas políticos através de acontecimentos cotidianos de conflito entre opressores e oprimidos.

Como questão de pesquisa, propusemos a seguinte: Qual a importância da arte e do teatro do oprimido nos processos educativos em agroecologia? A oficina do teatro do oprimido trouxe uma série de jogos e exercícios para que acontecesse o processo da desmecanização do corpo do ator/atriz, de acordo com Augusto Boal, para se dominar os meios de produção teatral, é necessário, assim, conhecer o próprio corpo para torná-lo mais expressivo (BOAL, 2008). A oficina apresentou para os participantes as categorias propostas pelo teatro do oprimido, que são cinco no total. Além dessa introdução, o artigo se estrutura em mais três partes, quais sejam, a metodologia, os resultados e discussão, finalizando com as conclusões e referências.

## Metodologia

A imersão no Polo da Borborema aconteceu no Seminário Interdisciplinar I das disciplinas Economia Solidária e Territórios; Manejo de Agrobiodiversidade e Recuperação Ambiental; Transição Agroecológica e Sistemas Agroalimentares, com 10 professores responsáveis com um total de 22 estudantes matriculados. A pesquisa adotou uma perspectiva qualitativa (MINAYO, 2008) e utiliza ainda a pesquisa bibliográfica. A análise de conteúdo foi consolidada para identificar categorias e temas recorrentes relacionados à construção do conhecimento agroecológico em processos educativos (BARDIN, 2016). BARDIN (1977, p. 42) define a análise de conteúdo da seguinte forma:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A produção de dados foi realizada a partir de uma oficina do teatro do oprimido e de um questionário com enfoque no processo educativo, aplicado junto aos estudantes do PPGADT, a prática foi conduzida por um dos discentes do programa que é multiplicador da metodologia criada por Augusto Boal com o suporte dos docentes do módulo. Após a vivência da imersão, propusemos a vivência de cenas do Teatro do Oprimido, bem como a aplicação de questionário após as vivências. A partir da construção das cenas os estudantes foram convidados a responder um questionário de pesquisa. Com as seguintes perguntas: Antes da oficina você já tinha participado de algum processo teatral ao longo da vida? Caso a resposta seja sim, conte um pouco sobre essa experiência. Você já conhecia o Teatro do Oprimido? Como foi para você a oficina? De que forma o Teatro do Oprimido pode contribuir para a superação das opressões em nossos territórios na perspectiva da agroecologia? Qual a sua compreensão sobre esse contexto

vivenciado? O questionário como instrumento de pesquisa é importante para a coleta de dados e evidencia:

Garante o anonimato, questões objetivas de fácil pontuação, questões padronizadas garantem uniformidade, deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem nas respostas, facilidade no tratamento dos dados e principalmente o custo razoável (RIBEIRO, 2008, p. 13).

Esses questionamentos foram respondidos pelos discentes participantes a partir da perspectiva do teatro-fórum que faz parte do processo cênico do Teatro do Oprimido. Para a análise das compreensões dos estudantes foi utilizado um questionário de pesquisa a partir da participação dos estudantes na oficina e também das cenas produzidas. Os sujeitos da pesquisa foram 22 estudantes do Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial regularmente matriculados no primeiro semestre de 2023. A partir da análise das respostas, foram estabelecidas categorias que foram utilizadas para a análise dos dados. São elas: Princípios da Educação em Agroecologia; Sentimentos dos estudantes participantes da oficina e o papel da Arte e da Cultura na educação em agroecologia na perspectiva do teatro do oprimido.

## Resultados e discussão

### Arte e educação em agroecologia

A arte e a sua utilização no contexto educacional é um instrumento facilitador das aprendizagens principalmente quando compreendemos as suas dimensões a partir das perspectivas criativas, reflexivas, expressões, perceptivas, sensíveis e o olhar crítico e transformador das manifestações artísticas. E, relacionando com a agroecologia temos como entendimento inicial a relação dos atores nos territórios com a natureza consolidando práticas sustentáveis, sendo assim o ambiente escolar apresenta-se como fonte da construção do conhecimento.

A ideia de arte ligada à agroecologia inicialmente pode ser interpretada como uma alternativa confusa, pela imagem distinta que as duas transmitem. Entretanto, depois de entendermos que as duas procuram desenvolver no espaço a comunhão do indivíduo com o meio, é de fato aceitável a visualização dos resultados duplicados que pode ser obtido ao trabalharmos com essa junção (LIMA E CARVALHO, 2021, p. 05).

A arte e a agroecologia tem uma perspectiva comum que é a relação do ser humano com a natureza. Um dos espaços que isso pode acontecer é o ambiente das escolas do campo, a educação do campo comprehende como um espaço de resistência e contextualização da realidade dos territórios que vivenciam práticas agroecológicas.

A luta passa a ser por uma educação no e do Campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação resultante das reivindicações dos processos formativos, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004, p. 151-152).

A arte no âmbito da educação do campo tem uma função importante de evidenciar através dos aspectos de suas dimensões apresentar possibilidades de transformações com a luta e resistência que são características do povo camponês, que exige uma educação respeitosa

principalmente com a realidade local de um território, uma alternativa seria o teatro do oprimido a partir de sua metodologia.

## O Polo da Borborema: características e tensões

O território em questão foi o Polo do Borborema, PB, que é formado por uma rede de 15 sindicatos de trabalhadoras e trabalhadores rurais (STRS), aproximadamente 150 associações comunitárias e uma organização regional de agricultores ecológicos, o Polo da Borborema vem apoiando redes locais de inovação agroecológica que articulam mais de 5 mil famílias agricultoras dos 15 municípios que conformam o Território da Borborema, envolvendo mais de cinco mil famílias, o Polo organiza campesinas e campesinos para a prática de uma agricultura não transgênica e agroecológica, a localização dos municípios que compõem estão localizados na Mesorregião do Agreste Paraibano, esse processo não seria possível sem as tensões das resistências dos territórios campesinos.

Os processos de ocupação do território da Borborema não se fizeram sem que variadas formas de resistência das populações locais tivessem sido organizadas no decorrer da história. De fato, a Borborema é palco de lutas campesinas que remontam o período colonial. Por essa razão não há como compreender os atuais processos de resistência sem que leve em conta o esse histórico de lutas (DA SILVEIRA, et.al., 2019, p. 02).

Nesse contexto a arte apresenta-se como um instrumento importante no processo de transformação do território do Polo da Borborema, o teatro é utilizado na perspectiva de fortalecimento da agricultura familiar e outras temáticas de interesse das comunidades pertencentes ao Polo. O teatro também consolida-se como possibilidade de abordar temáticas mais complexas na perspectiva das desigualdades sociais tirando um pouco o peso, trazendo a ludicidade cênica para as reflexões possíveis utilizando-se dos processos criativos, o teatro pode tratar e dialogar sobre as sementes crioulas, plantas medicinais, diversidade sexual, enfrentamento ao agronegócio sempre partindo da realidade do Polo da Borborema. Outros temas como as desigualdades de gênero para as famílias são representados através do teatro.

## Teatro do Oprimido na imersão do PPGADT no Polo da Borborema

O Teatro do Oprimido é uma metodologia criada na década de 1960 pelo teatrólogo Augusto Boal. A proposta é estruturada por exercícios, jogos e técnicas teatrais que provocam os participantes no sentido da reflexão crítica sobre a realidade. A perspectiva é de experimentar a democracia no campo dos meios de produção do teatro pelos contextos sociais menos favorecidos e a possibilidade de transformação dessa realidade. O Teatro do Oprimido utiliza o diálogo com a plateia pós-cenas para propor mudanças em situações de opressões. O diálogo com a agroecologia vai acontecer na perspectiva da valorização e fortalecimento dos princípios agroecológicos estabelecendo como premissa o desenvolvimento sustentável ou outras problemáticas apresentadas pelo território em que a metodologia estiver presente.

O espetáculo fórum é carregado de características de um teatro épico, didático e dialético. Não é permitido ao espectador abandonar-se numa identificação sem qualquer atitude crítica - e consequências práticas. Neste sentido, esta poética política investe na democratização do espaço estético através da participação oriunda da expressão de cada espectador que entra em cena (SILVA, 2009, p. 34).

A partir da imersão, pudemos perceber que as organizações presentes no território articulam-se no sentido do incentivo da participação das mulheres nas inúmeras atividades organizadas pelo Polo da Borborema principalmente nos processos de produção de alimentos fortalecendo as sementes da paixão, conduzindo assim, perspectivas de igualdade de gêneros.

[...] Num esforço combinado de produção de conhecimentos sobre a realidade da agricultura familiar e de mobilização de suas bases sociais, por meio de processos coletivos de experimentação e inovações técnicas e político organizativo, com vistas à promoção do desenvolvimento local em bases agroecológicas (SILVEIRA *et al.*, 2007, p.11).

No contexto do surgimento do Polo da Borborema a partir de 1990 trouxe a tona possibilidades e estratégias para um diálogo com a agricultura familiar do Agreste da Paraíba (SILVEIRA, et al., 2007).

O Polo se apresenta como base política do movimento agroecológico no Agreste Paraibano. A sua organização em sindicatos, facilita o desenvolvimento de um programa de formação agroecológica de agricultores e agricultoras, assessorado pela Assessoria e Serviços a Projetos em Tecnologias Alternativas (ALVES, 2017, p. 12).

Analisando a partir de seu lugar na história do território, poderíamos dizer que o Polo da Borborema retoma e atualiza uma longa tradição de resistências sociais que aí se estruturaram como respostas ativas às conjunturas políticas e econômicas adversas à agricultura camponesa. Nesse sentido, podemos relacionar esse processo de lutas e resistências com a perspectiva do Teatro do Oprimido já que estamos falando sobre um método de democratização e de transformação da sociedade.

Assume, portanto, que as condições de vida dos trabalhadores rurais estão vinculados ao modo de estruturação e de organização do espaço agrário. Daí a importância de um estudo que procura desvendar a dinâmica organizacional desse espaço, enquanto subsídio para os movimentos que se integram na luta pela melhoria da qualidade de vida da classe trabalhadora (MOREIRA E TARGINO, 1997, p. 20).

No contexto do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial acontecem às imersões que é um processo a partir de diálogos vivenciados utilizando inúmeras metodologias, internamente é consolidada a escolha do território a ser visitado a partir de suas perspectiva e ações agroecológicas.

Essas vivências buscam contribuir na interação entre alunos e docentes, impulsionar o debate sobre a relação que se estabelece entre ação e reflexão e tecer a oferta das disciplinas no formato teórico e prático que, conforme o Regimento Interno do PPGADT é elemento fundamental no percurso formativo dos discentes (GERVAIS, *et.al.*, 2020, p. 21).

Após a vivência da imersão, os discentes do doutorado foram convidados a participar da oficina do teatro do oprimido e construírem cenas com base nos processos agroecológicos vivenciados. Primeiramente foram apresentadas aos participantes as categorias do teatro do oprimido:

- Sentir tudo o que se toca - Lugar, territorialidade e território.
- Escutar o que se ouve – Identidade
- Ativando os vários sentidos - Territorialidade, identidade, subalternidade e formas de resistência social.

- Ver tudo o que se olha - Identidade, território, territorialidade e resistência social.
- A Memória dos Sentidos - Experiência e memória

As categorias do teatro do oprimido são elementos importantes na compreensão dos exercícios, jogos e técnicas que estão inseridas na metodologia trazendo perspectiva que todos nós somos atores desde sempre, de acordo com Augusto Boal (2015, p. 13), “[...] é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam”. Somos todos ”espect-atores”.

Figuras 1 e 2 – Discentes do Doutorado em Agroecologia – UFRPE na oficina – Teatro do Oprimido



Fonte: Acervo do Autor, 2023 (Oficina Teatro do Oprimido na UFRPE, fotos com autorização de imagem).

Para a análise dos dados obtidos a partir do questionário aplicado com os doutorandos após a visita, organizamos nossa reflexão em três categorias para análise das respostas ao questionário proposta.

### Categoria I – Princípios da Educação em Agroecologia

A educação em agroecologia pode ser compreendida a partir da construção social e das resistências dos agricultores familiares e camponeses em seu processo de reorganização através dos movimentos sociais. Essa perspectiva está próxima do nascimento da educação do campo que não questiona apenas as práticas pedagógicas e o tecnicismo estabelecendo o contexto das vivências rurais para dentro da escola. A Agroecologia, no contexto da ciência complexa, é importante que ela possa provocar mudanças na maneira de pensar, do mundo do pensamento e do mundo pensado (MORIN, 1998, p. 290).

A Educação em Agroecologia deve lançar mão de tecnologias heterogêneas e adequá-las às características locais e à cultura de cada população, de cada comunidade rural. Tem que se pensar nos princípios da Agroecologia, e não nos formatos tecnológicos, que muitas vezes estão ligados a práticas degradadoras do meio ambiente e socialmente excluidentes (DOS SANTOS, *et.al.* 2016, p. 04).

“A Agroecologia fornece as ferramentas metodológicas necessárias para que a participação da comunidade venha a se tornar a força geradora dos objetivos e atividades dos projetos de desenvolvimento” (ALTIERI, 2004, p. 27). Os princípios da Agroecologia estão distribuídos nos campos da dimensão ambiental, social, cultural, econômica e a política. Nessa perspectiva a primeira categoria a ser analisada corresponde à relação do processo educativo em agroecologia a

partir da oficina do teatro do oprimido no contexto dos princípios agroecológicos, evidenciando a perspectiva e o caráter transdisciplinar da agroecologia.

Agroecologia é a integração de pesquisas, educação, ação e mudanças que propiciam sustentabilidade para todas as partes do sistema alimentar: ecológica, econômica e social. Ela é transdisciplinar, pois valoriza diferentes formas de conhecimentos e experiências direcionadas para a transformação do sistema alimentar. Ela é participativa, pois requer envolvimento de todos os sujeitos, de agricultores até consumidores. Ela é orientada por ações, pois confronta estruturas econômicas e políticas do atual sistema alimentar através de estruturas sociais e ações políticas alternativas. Sua abordagem é baseada no pensamento ecológico, onde uma compreensão holística sobre a sustentabilidade dos sistemas alimentares em vários níveis se faz necessária (GLIESSMAN, 2018, p. 599).

A Agroecologia em seu campo transdisciplinar articulando conhecimentos e suas dimensões nas áreas do saber como ecologia, sociologia, economia, antropologia, ciência política, objetivando a compreensão e a transformação dos sistemas agrícolas e alimentares de forma sustentável e justa. “Aprender em conjunto e na prática do fazer em comunidade utilizando a cultura popular como ferramenta de emancipação humana, é a maneira de fazer educação que orienta os caminhos trilhados” (BATAGIN, 2022, p.06).

Os movimentos de cultura popular partem do princípio de que o trabalho de transformar e significar o mundo é o mesmo que transforma e significa o homem e a mulher. Como uma prática sempre coletiva e socialmente significativa, o ser humano se realiza através de ações culturalmente tidas como necessárias e motivadas. Assim, a própria sociedade, em que o homem e a mulher se convertem em um ser humano, é parte da/s cultura/s, no sentido mais amplo que se possa atribuir a esta palavra. Também a consciência do homem e da mulher – como aquilo que permite a eles não apenas conhecer, como os animais, mas conhecer-se conhecendo, e que lhe faculta transcender simbolicamente o mundo da natureza de que é parte e sobre o qual age – é uma construção social, que constitui e realiza o trabalho humano de agir sobre o mundo, enquanto age significativamente sobre si mesmo. (BRANDÃO E FAGUNDES, 2016, p.95)

Nessa perspectiva foi possível a partir das respostas dos estudantes observar que os discentes a partir da produção das cenas consolidaram a dimensão social e cultural da agroecologia. A discente e atriz Iris consolidou sua resposta a partir da participação afirmando que as cenas podem fortalecer a agroecologia e suas dimensões, “*muito interessante para que o expectador seja participativo e interaja com a temática. Acredito que seja essa interação que fortalece as reflexões da necessidade de mudanças de posturas diante das situações vivenciadas na comunidade*”. A partir de compreensões como essa os estudantes construíram duas cenas na perspectiva do respeito à diversidade a partir da criação de oportunidades para jovens e mulheres estimulando o protagonismo feminino e a igualdade de gênero.

As mulheres se configuraram como protagonistas das ações de proteção e manutenção da natureza, da agrobiodiversidade Tendo em vista que elas apresentam uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente, essas ações se dão com sentido de “cuidado”, visando o cuidado com a família, a saúde, a quantidade e a qualidade de alimentos, podendo ser compreendida como parte de um ciclo biológico (SILVA, et al. 2021, p.109).

As cenas que foram pensadas e construídas a partir da imersão foram no campo da luta feminista a partir da força mostrada pelas mulheres do Polo da Borborema.

Apesar de estarem em desigualdade de gênero e serem invisibilizadas no meio rural, as mulheres têm papel predominante na produção de alimentos e consequentemente nos

sistemas agroalimentares. As mulheres além de guardiãs da agrobiodiversidade trazem em seus conhecimentos etnos, saberes culturais que passam por gerações e contribuem na alimentação, saúde e no sustento da família (ANDRADE, *et. al.*, 2021, p. 123).

As cenas construídas e apresentadas na aula foram as seguintes: Grupo I – Cena: As Mulheres só querem participar das decisões da cooperativa. Grupo II – Cena: A Universidade chegou a nossa comunidade, nós mulheres queremos participar das reuniões e das ações, provocando e apresentando para a plateia perspectivas teatrais que a partir das intervenções pudessem ter mudanças e superação das opressões.

Como é possível perceber, o modelo proposto pelo TO investe numa participação que se pretende conjunta e efetiva. Ele tem embasado leis, ações e conhecimentos, permitindo uma circulação cada vez maior de saberes em diferentes grupos (CAMPOS, SAEKI, 2014, p. 554).

Antes da produção das cenas os estudantes reunidos em dois grupos dialogaram sobre as possibilidades teatrais a partir do que vivenciaram na imersão, e a relação com os princípios da educação em agroecologia estiveram presentes nas duas cenas, o quadro I apresenta esse contexto.

Quadro I – Princípios da educação em agroecologia presentes nas cenas de teatro do oprimido.

Princípio	Categoria	Relação nas cenas
Princípios da vida	É na natureza onde se reproduzem e se realizam todas as formas de vida, inclusive a dos seres humanos (Aba-Agroecologia, 2013, p. 07).	Cena I: O olhar das mulheres foi de colaborar com a perspectiva da divisão justa do trabalho doméstico e do cuidado local a partir da relação com a natureza.  Cena II: A cena apresentou a perspectiva do cuidado com a vida a partir da parceria e das relações com outras instituições.
Princípios da diversidade	O princípio da diversidade se contrapõe às concepções totalizadoras, homogêneas, padronizadoras, universais e excludentes presentes na educação (Aba-Agroecologia, 2013, p. 08).	Cena I: As mulheres apresentaram propostas de respeito à diversidade do território, trazendo a perspectiva da inclusão.  Cena II: A partir da relação com a universidade as mulheres perceberam que poderiam romper com algumas opressões e vivenciar outras oportunidades de desenvolvimento local.
Princípios da complexidade	A realidade é complexa e requer um pensamento também complexo (Aba-Agroecologia, 2013, p. 09).	Cena I: A cooperativa foi provocada a dialogar outras formas de organização a partir das perspectivas das mulheres.  Cena II: Novas perspectivas foram apresentadas a partir do pensamento complexo buscando a ruptura com processos constituídos.
Princípios da transformação	A educação deve ser tomada como uma ferramenta de conscientização e libertação das estruturas ideológicas de dominação (Aba-Agroecologia, 2013, p. 12).	Cena I: O processo de libertação foi proposto a partir das intervenções propostas pós-cenas.  Cena II: O processo de libertação foi proposto a partir das intervenções propostas pós-cenas.

Fontes: Aba-Agroecologia, 2013 e Autor, 2023.

Ao relacionarmos os princípios da educação em agroecologia presentes nas cenas apresentadas durante a oficina foi possível perceber que o Teatro do Oprimido estrutura-se como um potencializador, por exemplo, da divisão justa do trabalho doméstico nos territórios que está diretamente ligado ao princípio do cuidado com vida.

A divisão do trabalho doméstico é retratada como um direito que precisa ser conquistado por todas as mulheres. Especificamente sobre a mulher rural, essa conquista é ainda mais difícil, pois os trabalhos de produção e reprodução, geralmente são realizados na propriedade da família, o que contribui para sua maior invisibilização ( LEAL, et.al, 2022, p.253).

Esse respeito e cuidado com a vida apresentado no quadro acima, tem oposição às ações e concepções excludentes trazendo para o diálogo a diversidade rompendo com as opressões e contextualizando possíveis superações, esse rompimento passa por vivências em temas que são muitas vezes tabus nas comunidades e que estão presentes oprimindo os sujeitos nos territórios. É importante ressaltar que esse processo libertador dificilmente vai acontecer sem a presença de processos educativos, sendo assim, o Teatro do Oprimido e a prática das intervenções colaboram e podem apresentar soluções viáveis e continuadas.

## Categoria II – Sentimentos dos estudantes participantes da oficina

Os discentes do curso de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (doutorado) vivenciaram a prática em Teatro do Oprimido inicialmente a partir de uma sequência de jogos e técnicas teatrais, nesse sentido os participantes consolidaram a construção de duas cenas de teatro do oprimido com base na luta das mulheres do Polo da Borborema. O discente Venceslau consolidou sua análise sobre a proposta do teatro do oprimido a partir da imersão respondendo sobre a contribuição da metodologia e o teatro fórum, os questionamentos foram: De que forma o Teatro do Oprimido pode contribuir para a superação das opressões em nossos territórios na perspectiva da agroecologia? E Qual a sua compreensão sobre esse contexto vivenciado? As respostas foram: “*Provocando questionamentos às estruturas de opressão, sugerindo caminhos a ser tomados e é um momento de quebra de expectativa e de oportunidades de se posicionar*” (Discente e Ator, Venceslau, 2023). As cenas foram apresentadas logo após o processo de diálogo, ensaios e organização do cenário, utilizando a prática educativa libertadora e a arte como instrumento em favor da agroecologia.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 2009, p. 81).

Os sentimentos apresentados pelos discentes estão no campo da utilização do Teatro do Oprimido no campo do questionamento e provocação as estruturas capitalistas, principalmente do patriarcado, e que fazem apontamentos e perspectivas transformadoras principalmente a partir da reflexão dos sujeitos nos territórios. Nessa perspectiva a atriz Passiflora ao ser questionada sobre o papel do teatro fórum a discente respondeu que, “*ao vivenciar e intervir na cena foi bem impactante pra mim. A cena provocou revolta e descontentamento. A possibilidade de transformá-la foi visceral: romper com a centralidade de poder de decisões na mãos dos homens, a mulher sair do*

*lugar de invisibilidade e problematizar ainda mais a realidade. Tudo isso, fez minha atuação fluir com sangue nos olhos e principalmente, por carregar essas injustiças no meu corpo”.*

Outra perspectiva é o ato reflexivo, vivências e experiências no fortalecimento dos sujeitos oprimidos no campo da humanização para a superação das opressões, principalmente no fortalecimento e a valorização dos produtos agroecológicos. Nesse sentido o discente ator Freitas refletiu sobre a potencialidade do teatro do oprimido, “*o teatro permitiu a reflexão sobre as questões da discriminação da mulher, a violência doméstica, a falta das mulheres nos sindicatos de trabalhadores rurais e abriu espaço para experimentarem novas soluções para os problemas vivenciados pelo oprimido, quando assumiram o seu papel. O teatro teve momentos de aprendizagem e de desenvolvimento de competências importantes no domínio da educação e intervenção social*”.

Quando abordamos a transição agroecológica o teatro do oprimido pode ser um aliado nesse processo. A discente atriz Luz fez apontamentos nesse contexto, “*o teatro do oprimido proporciona reflexões a partir das vivências e experiências dos povos em seus territórios, nos possibilita intervir, despertar, engajar e ser empático com o outro e assim poder encontrar caminhos para vencer as barreiras e dificuldades no território*”. Esses sentimentos estavam presentes nas cenas que mostraram as mulheres em um processo constante de lutas pela divisão justa do trabalho doméstico e de participação nos espaços e instituições no âmbito coletivo dos territórios.

É possível perceber que as atrizes e os atores abordaram as compreensões do Teatro do Oprimido a partir de suas vivências e experiências nos territórios, principalmente no campo do aprender a se posicionar diante de situações de opressão, esse contexto de possíveis mudanças e transformações sociais aparece nas respostas consolidado inicialmente pela reflexão que o método teatral propõe.

Avalia-se que a dinâmica do teatro fórum é uma metodologia e um processo educador muito interessante de ser popularizado nos espaços de formação com os agricultores, pois traz de maneira lúdica a reflexão sobre um tema polêmico e também estimula a participação dos presentes (BERNARDES, et al. 2015, p. 04).

O Teatro do Oprimido foi apresentado para os atores e atrizes como um instrumento de resistência nos territórios que pode ser utilizado nessa perspectiva, para esses sujeitos foi a primeira experiência com essa metodologia e que pode ser utilizadas nos mais diversos espaços nos quais estão inseridos, o Teatro do Oprimido reúne também uma série de jogos, exercícios e técnicas teatrais podendo dialogar com as inúmeras demandas das comunidades.

### Categoria III – O papel da Arte e da Cultura na educação em agroecologia na perspectiva do teatro do oprimido

Partindo da perspectiva da agroecologia e da arte como meios de resistência nos territórios é necessário inicialmente compreender a relação entre ambas no contexto de condução de sentidos e significados que evidenciam os contextos social, político e cultural.

Ações que relacionem arte e agroecologia precisam ter como premissas caminhos que possam propor mudanças para vivências sustentáveis, saudáveis, solidárias e justas, utilizando a criatividade artística como instrumento (DOS SANTOS; ANDRADE, 2023, p. 54).

Essa relação da arte, cultura e agroecologia possibilitam novas perspectivas, nesse sentido o espaço visível, físico, e invisível, inclusive para outras leituras de mundo (FREIRE, 1989).

A cultura popular assume um local, não só de demonstração e menos ainda de objeto de estudo acadêmico, mas sim de representação das diversas identidades, dos diversos sujeitos na construção de suas histórias individuais e coletivas, de lutas e resistências com suas nuances, cores e realidades distintas (GUIMARÃES *et al.* 2017, p. 12).

A partir dessa perspectiva e compreensão é que podemos contextualizar o Teatro do Oprimido para processo teórico e prático da agroecologia, o discente ator Bezerra abordou a perspectiva do empoderamento dos sujeitos nos territórios, “*na medida em que através do teatro podem expressar suas narrativas de vida. A possibilidade da participação da plateia decidindo o fim da cena promove a interação entre os sujeitos (artistas e plateia), promovendo locus de dialogismos*”. O teatro do oprimido consolida o processo da transformação do espectador em protagonista da ação dramática, em seguida é a tentativa de modificar a sociedade e não apenas de interpretá-la (BOAL, 2015).

Dentro do “arsenal” do Teatro do Oprimido trabalhamos com a técnica do Teatro-Fórum. Trata-se de uma luta ou um jogo que tem suas regras e que essas regras podem ser modificadas, mas nunca deixarão de existir. O objetivo é sempre mobilizar uma discussão profunda e fecunda sobre situações sociais bem definidas e claras. A dramaturgia parte sempre de uma história real e as soluções propostas pelo protagonista dentro da estrutura da peça conduzirá o debate fórum, que é o objetivo principal (BOAL, 2015, p.49).

De acordo com (DEBUS; BALÇA, 2022, p. 9). “Essa linguagem traz como características a escuta, a criatividade e a comunicação estética e dramaticamente organizadas”. Aqui a estrutura do teatro serve como um espaço de reflexão, de ação e de transformação utilizando o teatro fórum nesse diálogo.

O objetivo do teatro-fórum não é “vencer” o opressor ou apresentar uma alternativa “correta” para o problema, e sim, provocar a criação de possibilidades distintas de leitura da realidade, em um ensaio para a revolução da vida social. É mostrar que as relações são mutáveis, a partir da atuação e da luta por aqueles que não concordam com o modo como esta se apresenta (CANDA, 2012, p. 203).

O Teatro do Oprimido como um espaço e proposta de transformação é um caminho possível a partir da prática do fortalecimento e valorização da agroecologia, a partir da imersão no Polo do Borborema e todas as suas dimensões apresentadas foi possível compreender que a arte já é utilizada como instrumento de transformação.

## Conclusões

Na educação em agroecologia a arte apresenta-se como alternativa a partir das perspectivas libertadoras, contextualizar processos educativos em agroecologia a partir da arte e contextos culturais. Quando falamos da união entre os processos educativos em agroecologia utilização da arte como instrumento de fortalecimento ou valorização é importante contextualizar que essa prática objetiva trazer mais sentidos e significados as práticas agroecológicas nos territórios em que os atores e atrizes estão inseridos. No contexto dos sentimentos dos estudantes participantes

da oficina, outro aspecto importante apontado pelos discentes é a característica da reflexão da realidade saindo do contexto da naturalização dos fatos para o questionamento.

Nessa perspectiva o papel da Arte e da Cultura na educação em agroecologia na perspectiva do teatro do oprimido juntamente com o Teatro Fórum, permitiu que os discentes pudessem compreender o protagonismo nos processos de construção do fortalecimento e valorização da agroecologia, as cenas construídas possibilitaram uma percepção cênica de que “sem feminismo não há agroecologia”, e que o Teatro do Oprimido é um caminho possível para esses contextos vivenciados nas aulas, na imersão e na oficina. Para estudos futuros é possível nos territórios ampliar esse processo teatral, conhecendo o Teatro do Oprimido em outras dimensões, por exemplo, produções teatrais que abordem a questão das sementes crioulas que no Polo da Borborema elas são chamadas de sementes da paixão. São bancos de sementes criados e mantidos pelas famílias armazenadas em silos, garrafas pets ou latões, na perspectiva da vida em abundância as sementes tornam-se símbolos da vida. Outro aspecto que pode ser destacado em uma cena teatro com base na metodologia do teatro do oprimido é a organização dos bancos de sementes no formato comunitário, e que hoje é organizado pelas juventudes desde 2015, o contexto teatral poderia apresentar o fortalecimento e valorização da agroecologia a partir da garantia do processo autônomo do plantio.

## Referências

ABA-Agroecologia - Associação Brasileira de Agroecologia. **Anais** do I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia. Construindo princípios e diretrizes. Pernambuco: NAC – UFRPE, 2013.

ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva et al. Visibilidade das mulheres agricultoras e a (re)construção de sistemas agroalimentares, In: ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva; ANDRADE, Luciano Pires de (org). Diálogos e reflexões sobre agroecologia. 1. ed. Garanhuns, PE: Agrofamiliar, 2021. DOI: 10.52719/DRA/cp10. Disponível em: <http://wwwnueleoagrofamiliar.ufape.edu.br/br/Livro-Dialogos-e-Reflexoes-sobre-Agroccologia>. Acesso em 10 jun. 2023.

ALTIERI, M. **Agroecologia:** a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

AZEVEDO, Letícia Fátima. NETTO, Tatiane Almeida. Agroecologia: o “caminho” para o desenvolvimento rural sustentável no processo de extensão rural. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental Santa Maria**, v. 19, n. 3, set-dez. 2015, p. 639-645.

ALVES, Luciene Andrade. **Transformações no espaço agrário Paraibano:** práticas agroecológicas e luta pela soberania alimentar das Guardiãs das Sementes da Paixão do Polo da Borborema. Dissertação de Mestrado - UFPB/CCEN, João Pessoa, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

Bardin L. **Análise de conteúdo.** Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.

BERNARDES, Maria Clara Novais; REZENDE, Ana Paula Capello; SANTOS, João Dagoberto dos; SORRENTINO, Marcos; SOBRAL, João Portella. Teatro do Oprimido como ferramenta de fortalecimento e valorização de produtos e processos agroecológicos na reforma agrária. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Vol 10, Nº 3 de 2015.

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não-atores.** 11<sup>a</sup> Ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores.** São Paulo: Cosac Naify: Sesc, 2015.

BRANDÃO, C.R.; FAGUNDES, M.C.V.. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, ed. 61, p. 86-106, jul/set 2016.

CANDA, Cilene Nascimento. Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro. **HOLOS**, Ano 28, Vol 4. 2012.

CAMPOS, Fernanda Nogueira. SAEKI, Maria Paula Panúncio-Pinto e Toyoko. **Teatro do oprimido: um teatro das emergências sociais e do conhecimento coletivo.** Campos, F. N., PANÚNCIO-PINTO, M. P., & SAEKI, T. Teatro do oprimido: um teatro das emergências sociais e do conhecimento coletivo. 2014.

CASADO, G. G. I.; MOLINA, M. G. de; GUZMAN, E. SE. Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible. **Madrid:** Ediciones Mundi-Prensa, 2000.

COTRIM, D. S.; DAL SOGLIO, F. K. Construção do conhecimento agroecológico: problematizando o processo. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 11, 257-271, 2016.

DA SILVA, Marcio Gomes. Educação popular e experiências educativas em Agroecologia. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 265-285, jan.-abr. 2022.

DA SILVEIRA, Luciano Marçal; FREIRE, Adriana Galvão; DINIZ, Paulo César O. Polo da Borborema: ator contemporâneo das lutas camponesas pelo território. **Revista V7N1 – Polo da Borborema: ator contemporâneo das lutas camponesas pelo território**, 2019.

DEBUS, J. C. dos S.; BALÇA, A. O teatro do oprimido: mediação e construção da autonomia. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, e82174, 2022.

DELGADO, G. C. BERGAMASCO, S. M. P. P. (Org.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.

DOS SANTOS, Shirleyde Alves; MARINHO, Francisco José Loureiro; QUEIROZ, Messias Firmino; BARBOSA, LEÃO, Alexandre Costa; BARBOSA, Élida Correa Barbosa. Educação em Agroecologia na Universidade Estadual da Paraíba. **Cadernos de Agroecologia** - ISSN 2236-7934 – Vol. 11, No. 1, JUN 2016.

DOS SANTOS, Anderson Gomes. ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva. Arte e Agroecologia: aproximações teatrais no território camponês de jurema (Estrela de Alagoas – AL). **Anais** - Seminário de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. Recife: EDUFRPE, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29327/11736.6-15>. Disponível em <https://ww4.ppgc.ufrrpe.br/pt-br/node/494>. Acesso em 10 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P; NOGUEIRA, A. **Que fazer.** Teoria e Prática em educação popular. 8<sup>a</sup> ed<sup>a</sup>. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 48. reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GERVAIS, Ana Maria Dubeux (org.). Agroecologia e territórios: imersões, sujeitos, experiências e caminhos para o desenvolvimento territorial / Ana Maria Dubeux Gervais... [et. al.], organizadores. – Recife : EDUFRPE, 2020. 383p. : il. – (Série **Diálogos interdisciplinares: agroecologia e territórios;** v. 1).

GLIESSMAN, Stephen. Defining Agroecology. Agroecology and Sustainable **Food Systems**, v. 42, nº 6, pp. 599-600, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/21683565.2018.1432329>

GUIMARÃES, Glauber Cardoso. CHAVES, Caio; COSTA, Henrique Geovanine Macêdo. BARBOSA, Willer Araújo. Arte e Agroecologia em cena na Troca de Saberes. Cadernos de Agroecologia -ISSN 2236-7934 – **Anais** do II SNEA –Vol.12, Nº 1, Jul. 2017.

KUHN, M. L.W. **Boal e o teatro do oprimido:** o espect-ator em cena na educação popular. [dissertação mestrado]. Ijuí/R.S. UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

LEAL, Daniela de Ulysséa. MELO, Angelina Moreira. REZENDE, Daniela. LOPES, Ivonete da Silva. A campanha “pela divisão justa do trabalho doméstico” e a popularização do feminismo para as mulheres rurais. **GÊNERO** | Niterói | v. 22 | n. 2 | p. 244-262 | 1. sem 2022.

LIMA, Verônica Matias; CARVALHO, Géssika Cecília Carvalho. **A utilização da arte como ferramenta de ensino no processo de aprendizagem agroecológico.** VII Congresso Nacional de Educação, 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** Pesquisa qualitativa em saúde (11th ed.). São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, E.; TARGINO, I. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

MORIN, E. O método. Porto Alegre: Sulina, 1998.

---

RIBEIRO, Elisa. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

SOUZA, Romier da Paixão. Educação em agroecologia: reflexões sobre a formação contra-hegemônica de camponeses no Brasil. **Cienc. Cult.** vol.69 no.2 São Paulo Apr./Jun. 2017.

SILVA, Carolina. V. **Curinga uma carta fora do baralho:** a relação diretor/espectador nos processos e produtos de espetáculos fórum (Dissertação de mestrado não-publicada). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, Luana Cristine Ferreira da; SILVA, Milena Raiza dos Santos; JALIL, Laeticia Medeiros. Guardiãs da agrobiodiversidade: uma análise a partir das cadernetas agroecológicas. In: ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva; ANDRADE, Luciano Pires de (org.). **Diálogos e reflexões sobre agroecologia.** 1. ed. Garanhuns, PE: Agrofamiliar, 2021. DOI: 10.52719/DRA/cp09. Disponível em: <http://www.nucleoagrofamiliar.ufape.edu.br/br/Livro-Dialogos-e-Reflexoes-sobre-Agroecologia>. Acesso em 10 jun. 2023.

SILVEIRA, L.; VICTOR,;ANACLETO, N. Saindo de trás do birô: a reconstrução do movimento sindical no agreste da Paraíba. In: Agriculturas: experiências em agroecologia, AS-PTA, v. 4, nº 2, jul. 2007.